DR. RAUL BITTENCOURT

PSYCHOLOGIA DOS DELIRIOS

THESE DE CONCURSO
Á LIVRE-DOCENCIA DE CLINICA PSYCHIATRICA
APRESENTADA Á
FACULDADE DE MEDICINA DE PORTO ALEGRE

1925
PORTO ALEGRE
INHARDT DE GRÜNEBERG & TREIN
RUA 24 DE MAIO 14

Ao provecto alienista
Dr. Jacintho Godoy, offerece
o Autor.
P.A. 18/2/1926

Introducção

Disse Pestalozzi, confirmado por Herbert Spencer, que o espirito humano procede do empirico para o racional e poderiamos accrescentar por derivação que a sciencia se desenvolve da observação pura para o terreno da experiencia.

Sendo a metaphysica a sciencia da pura contemplação, do que não é experimentavel a cada momento da evolução humana, claro está que ella é a origem de todos os conhecimentos scientificos, mesmo os mais positivos e exactos.

O que *á priori* estou affirmando é sanccionado pelos factos: quem quer que seja que observe a evolução historica de uma sciencia, verá que ella existia primitivamente, em estado embryonario, na velha metaphysica e que só mui pouco a pouco foi della desentranhando-se, sem nunca de um todo se desligar, porque na altura de suas hypoteses directrizes fica um ou outro de seus problemas insoluveis.

Assim succedeu com as mathematicas ao tempo de Euclides, ao de René Descartes, Newton, Pascal.

Assim succedeu com a physico-chimica nos fins do seculo XVIII e principios do XIX, com o advento de Galileu, Arago, Galvani e Lavoisier.

Assim succedeu ainda com biologia na era de Pasteur e Claude Bernard.

Não é de outra forma que vae nascendo, em nossos dias, a sciencia sociologica de Augusto Comte a Scipio Sighele, de Jean Izoulet a Alberto Torres.

A psychiatria, que ainda está na sua puericia não poderia fugir dessa lei geral.

Até Pinel ella se confundia com todas as outras sciencias que ainda estavam por nascer, nos refólhos da metaphysica.

Nos tempos mais recuados, mesmo nas eras mais remotas dos albores das civilizações orientaes, ella já existia, mas, entrelaçada com as crenças e ritos religiosos, de que nem mesmo na idade media conseguiu se libertar.

Foi Pinel o pae da sciencia psycopathologica, aquelle que extrahiu do bôjo metaphysico o nucleo que daria origem á psychiatria moderna, aquelle que primeiro abordou os seus problemas sob o justo criterio scientifico e sobre elles applicou a joeira da experimentação.

Esquirol, Trelat, Charcot e os contemporaneos continuaram a sua obra até nós.

Mas, realizou-se aqui um facto de relevantissima importancia: a psychiatria não se destacou da metaphysica, creando-se sciencia, como seria de desejar, logica e normalmente.

Ao contrario: precipitou-se em constituir-se e appareceu sem alicerces estaveis que a sustentassem nem orientação segura que a dirigisse. E não é isso acontecimento de espantar. Factos identicos se repetem na génese de outras siencias.

Explica-se:

Embora, sob o ponto de vista historico, todas as sciencias nasçam originariamente da metaphysica, ellas guardam entre si uma relação reciproca de dependencia, sob o ponto de vista logico, dispondo-se em uma longa serie, em que umas se derivam das outras.

O principio da hierarchia scientifica de Augusto Comte é uma verdade incontestavel.

As sciencias physico-chimicas derivam-se das mathematicas, a biologia da physico-chimica, a psychologia da

biologia e, por ultimo, dessa se originam a sociologia e a moral.

Seria, pois, logico concluir dahi que cada uma das sciencias devesse nascer quando já estivesse perfeitamente constituida a que lhe vae dar origem.

Ora, e é este o ponto a accentuar, é isso precisamente o que não acontece.

A biologia descende directamente da physico-chimica. Pois bem. Enquanto a physico-chimica (sciencia originadora), com a formação da energetica, só agora, em nossos dias alcança a maturidade, a biologia (sciencia-originada) já existia ha cem annos.

Assim sendo, a biologia antecedeu, de um seculo a maioridade da physico-chimica, de que é tributaria.

Foi uma precipitação.

Que resultou dahi?

Quando ha trinta annos a physico-chimica começou a descobrir experimentalmente a unidade da materia, a identidade entre materia e energia, a explicação dos effeitos chimicos pelo estado physico dos corpos, mórmente o estado colloidal, a biologia recuou um passo, reconhecendo que andava perdida por uma trilha icognita e a medicina tributaria d'aquella teve que recompôr a trama do seu tecido á vista do desequilibrio colloido-crasico dos humores e terá até mesmo, á luz das generalizações de Lumiére, que refazer, talvez, a propria estructura do seu organismo, reconstruir a architectura interna do edificio em que se ostenta, tomando uma orientação inedita e original, creando, quem sabe, uma nova era nos fastos de sua historia.

Isso que succedeu na medicina vae succeder em breve na sciencia sociologica.

Logicamente a sociologia deve ser derivada da psychologia, obedecendo ás suas leis mais geraes e super-accrescentando as que lhe são proprias.

Ora, a psychologia é uma sciencia recente, nascida nos fins do seculo XIX com as primeiras directrizes que lhe traçou Spencer e que se vem consolidando até nossos dias pelo esforço de Wundt, Bechterew, Fechner e principalmente de Ribot e James.

Agora vêde como Comte, contemporaneo de Spencer, já se esforçava por fundar a sociologia, a physica social, como elle a chamava, mal ia nascendo a sciencia psychologica, ainda nos passos inseguros das primeiras experimentações

Vêde na renascença Machiavel investigando o melhor meio de governar um estado e ha vinte e cinco seculos Platão e Aristoteles na „Republica" e na „Politica" perquirindo as leis sociaes.

Aqui a antecipação é manifesta e impressionante.

A psychologia progride acceleradamente. E' a sciencia da época, a que mais seduz e a mais generosa em fructos imprevistos.

Imaginae, agora, que revolução não soffrerá a sociologia, quando num futuro não muito remoto, a psychologia tiver apurado os seus methodos, precisado a sua linguagem, unificado as suas conclusões, alcançado emfim o amplo desenvolvimento de que já gozam as sciencias physico-naturaes.

Quando a psychologia poder explicar com alguma precisão, quaes os maiores motivos das determinações volitivas do homem, quando ella ensinar o mechanismo das suggestão dos actos humanos sobre os proprios homens, quando ella conseguir analysar precocemente em um homem as suas tendencias ancestraes, quando ella desvendar essas mil e uma influencias subconscientes que tanto actuam nas acções dos homens e, consequentemente, dos póvos e das sociedades, — que será do fragilimo monumento da sociologia contemporanea, que refundição mais profunda e inesperada não soffrerão as sciencias-sociaes apressadamente constituidas, que re-

modelação mais inopinada e integral dos codigos e das legislações, assistirão os nossos pósteros, tomados de surpreza?

Mas, retorno ao ponto de partida.

Dizia que as sciencias, em vez de nascerem a seu tempo, são muitas vezes, prematuras em se desprenderem da metaphysica e citava dois exemplos suggestivos para documentar o asserto: a biologia surgindo illogicamente antes do pleno desenvolvimento da physico-chimica e a sociologia antecipando o seu apparecimento ao proprio instante em que a psychologia ia constituir-se.

Duas são as causas que determinam essa evolução das sciencias, apparentemente anomala, mas, de conformidade com a propria natureza psychologica do homem.

A primeira é de ordem intellectual, a segunda affectiva.

Consiste a primeira em que o espirito humano nunca poderá alcançar o desenvolvimento completo, integral e perfeito de uma sciencia, porque isso seria conhecer o infinito, impossivel para as limitadas aptidões do nosso psychismo e dest'arte si os homens aguardassem o completo desenvolvimento de uma sciencia, para, depois, entregarem-se a outra, estariam condemnados a jamais exorbitarem da ecliptica da primeira, girando sempre em torno da mesma aspiração inattigivel.

Accresce ainda que a dependencia existente entre as sciencias, embóra predomine em um sentido, é, comtudo, reversivel tambem, e assim a biologia favorece, muitas vezes, o progresso das sciencias physico-chimicas, como quando deu origem ás investigações do estado colloidal, e a sociologia empresta, vezes outras, contribuições á psychologia, como quando se interpretam as ideias, affectos e actos de um homem pelos factos sociaes da ambiencia.

A outra razão é affectiva.

A curiosidade ingenita no homem não lhe pode restringir o circulo de suas indagações e não se contenta

o nosso cerebro em cicunscrever as suas perquirições ao estreito ambito de uma sciencia: quer logo espraiar-se no campo aberto de tudo que observa e contempla.

Pois não se projecta elle até o mundo do inexperimentavel, com as suas legitimas hypotheses metaphysicas?

Não é, pois, de admirar que a humanidade tenha precipitado a creação das sciencias, umas apoz outras, na ansia de saber, estabelecendo uma tão inestrincavel trama e uma tão confusa correlação entre ellas que só á luz do criterio philosophico se as possa destacar e comprehender.

Tudo isso tenho dito para bem argumentar a affirmativa que avancei logo no inicio: *a psychiatria precipitou-se em constituir-se e appareceu sem alicerces estaveis que a sustentassem nem orientação segura que a dirigisse.*

De effeito, assim como os outros departamentos da medicina são tributarios da physiologia, sem a qual não têm alento de vida, assim tambem a psychiatria é directamente resultante da psychologia e sem ella não póde existir.

Ora, a psychiatria scientifica, nascendo com Pinel pelo anno de 1755, antecipava-se de dois seculos da psychologia, que só hoje principiou a consolidar-se.

Justifica-se, pois, a asserção acima formulada.

Como poderia a psychiatria sustentar-se em fundamentos solidos, si a psychologia experimental ainda não existia, para ensinar os verdadeiros methodos apropriados para a investigação das funcções mentaes do cerebro humano?

Como poderia haver na sciencia de Pinel, Esquirol e até mesmo de Charcot orientação segura que a dirigisse si todos os conhècimentos de então, acêrca do psychismo, eram empiricos, fragmentarios e titubeantes?

Quando a psychiatria, nessa situação insustentavel de sciencia que não tem apoio chegou aos meados do seculo XIX, era a physiologia a sciencia em fóco, a

que alistava maiores adeptos, a ultima nascente com alardes de todo poderosa e que parecia ser a chave resolutiva de todos os problemas.

Então a psychiatria, entregou-se á tutela da physiologia e raiou a segunda phase da evolução historica da sciencia psychiatrica, a que poderei chamar com propriedade a era physiologica ou somatica da psychiatria.

Por esse tempo Ribot e James já principiavam as suas experiencias e interpretações, mas, a repercusão que ellas faziam no mundo scientifico era ainda insufficiente para nortear a psychiatria no sentido da psychopathologia.

E' até mesmo curioso confrontar as adeantadissimas noções psychologicas de Ribot e James, em fins do seculo passado, e os methodos puramente physiologicos e retardarios da psychiatria coetanea.

Agora, porém, qua a psychologia desenvolve-se com tanto brilho no terreno da experimentação, continuada a obra de Ribot por Alfred Binet, Pierre Janet e pelos psychologos norte americamos, que com tanta engenhosidade sabem applicar e desenvolver o processo do tests de Sommer, prenuncia-se uma nóva era para a psychiatria, não mais como ancilla da physiologia, o que foi e continuaria a ser um erro, mas, como tributaria da psychologia e só por ella podendo existir.

Especificam-se pois, assim em tres phases. os differentes estádios da evolução historica da psychiatria.

I Phase — metaphysica:

Estádio empirico e sem experimentação.	Desde a antiguidade até Pinel no seculo XVIII.

II Phase — Scientifico-physiologica:

Estádio scientifico e com esperimentação quase que exclusivamente physiologica.	Desde Pinel até os nossos dias.

III Phase — Scientifico-psychologica:

Estádio scientifico e com experimentação essencialmente psychologica.	Novos rumos da psychiatria a partir de nossos dias.

Em breve, quando essa terceira phase se tornar definitiva, comprehender-se-á que todo psychiatra deve ser antes de tudo psychologo, porque não é possivel entender intimamente a pathologia do psychismo, si antes não se conhecer a fundo o seu funccionamento normal.

Tenho para mim que os centros universitarios e as Faculdades, reconhecendo a importancia da psychologia, hão de, no futuro, incluir o seu estudo no programma dos cursos medicos.

Primeiro a sciencia nasce nos laboratorios e nos hospitaes e só muito mais tarde é pontificada nas cathedras.

Tal succede com a nova era psychologica da psychiatria.

A sua précursão está nos conceitos das psychoses de reacção da escola allemã, na psycho-analyse de Freud, na psychogénese da paranoia de Kraepelin, no autismo eschizophrenico de Bleuler.

Approxima-se o tempo em que toda a psychiatria será refundida e recreada, por um criterio rigorosamente psychologico.

Por agora, a applicação da psychologia é ainda feita em problemas isolados da alienação mental.

Entre elles avulta a questão palpitante dos delirios, neste momento, o mais passivel de interpretação psychologica.

Mignard deu-nos já um quadro geral dessa psychologia dos delirios, em rapido estudo.

Postas de lado as tentativas, ainda precoces, já feitas nos fins do seculo passado e principios deste, é extremamente rara, em nossos dias, alguma publicação a esse respeito.

Creio, pois, de utilidade tratar de semelhante assumpto, de tão alta significação theorica e de tão importantes consequencias futuras, para a therapeutica e a clinica.

Restrinjo-me, porém, ao proprio titulo deste trabalho, „*Psychologia dos delirios*", porque não é licito insinuar nova orientação na clinica e na therapeutica, alicerçada em estudos ainda não definitivamente estabelecidos.

Procurarei applicar os modernos ensinamentos da psychologia aos factos clinicos da psychiatria. estudando a psychogénese dos delirios.

Particularmente attentarei para a importancia da affectividade nos delirios, systematisados ou não, e para a estreita relação que penso existir entre aquella e as funcções do systema vago-sympathico.

Exporei, outrosim, como consequencia desse estudo, uma nova classificação dos delirios, sob o criterio psychologico, applicavel ao ponto de vista semiotico e clinico.

No primeiro capitulo fundamentarei o methodo seguido neste trabalho, para que melhor se comprehenda, em cada instante, o encadeamento das questões.

CAPITULO I

Methodo.

I. Necessidade do methodo — II. Apresentação do problema — III. Exposição do methodo a seguir — IV. Conclusões.

I. Necessidade do methodo.

Si no mundo moral é indispensavel uma conducta préestabelecida para orientar os actos a um determinado fim, nos dominios do pensamento é imprescindivel um methodo nitidamente formulado para convergir todos os raciocinios a um mesmo termo.

Traçar a psychologia dos delirios é emprehender um dos ensaios mais seductores da psychiatria moderna, mas, é tambem aventurar-se a difficuldades, ás vezes insuperaveis e a duvidas, tantas outras, desencorajantes.

Defender-se de umas e de outras, no que é possivel para os conhecimentos de nossa época, é usar de um methodo rigoroso e inflexivel na analyse de todas as questões.

Antes, pois, de entrar no thema que consubstancia este trabalho, vou préfixar um methodo a que obedecerei irreductivelmente em todas as paginas que se seguem.

Examinarei, ao principio, como se apresenta o problema da psychologia dos delirios e formularei, depois, o criterio geral que presidirá a este estudo, enunciando, a seguir, a ordem logica em que se deverão dispôr os differentes capitulos.

II. Apresentação do problema.

Que é a psychologia dos delirios? Em que consiste esta ordem de estudos? Tratar da psychologia dos delirios não é estuda-los como o faz vulgarmente a psychiatria?

Sel-o-á muito em breve, mas, actualmente ainda não.

A éra psychologica da psychiatria, apenas amanhece e, até agora, ainda, o estudo das molestias mentaes não tem sido a psychopathologia.

A psychiatria de nossos dias costuma estudar os symptomas, a etiologia, a evolução, o diagnostico, o prognostico e a therapeutica de todas as alterações psychicas, mas nada disso é a sua psychologia.

Na natureza, todos os phenomenos encadeam-se em series, para nós infinitas, de factos antecedentes e consequentes. Os primeiros são causas relativamente aos segundos e estes são effeitos relativamente áquelles.

Considerando um processo morbido qualquer, são encontradas as suas causas entre os phenomenos que o antecederam e seus effeitos entre aquelles outros que o succedem, os symptomas.

E' o que fazem respectivamente a etiologia e a clinica. Uma e outra, porém, não consideram a molestia na sua intimidade, no seu ámago, na sua essencia. Porque a etiologia, perquirindo as causas da doença, procura saber como ella é determinada e não qual seja, intimamente, a sua natureza. E a clinica, cogitando dos symptomas da mesma, esforça-se por diagnostica-la o mais precocemente possivel, mas fica ainda ignorante de sua essencia.

Entre as causas e os effeitos fica o phenomeno molestia, complexo e esquivo.

Tentar devassar-lhe o mysterio é fazer em medicina a obra magna da physiopathologia.

E porque? Porque a molestia é um desvio das funcções normaes e para comprehende-la, a fundo, não

ha mais do que estudar o funccionamento anormal dos orgãos, apparelhos e systemas.

E' essa physiopathologia que constitue a pathogenia das molestias, a quintessencia da medicina, a chave resolutiva dos seus maiores arcanos.

A pathogenia procura conhecer a molestia não nas suas origens, como a etiologia, nem nos seus effeitos e apparencias, como a clinica, mas ao contrario, intimamente, tal com ella é. Ora, si a pathogenia é, para a medicina em geral a physiopathologia das molestias, a pathogenia na psychiatria será, forçosamente, a psychopathologia das doenças mentaes. Porque a psychologia está para a psychiatria como a physiologia para a medicina somatica.

Tratar, pois. da phychologia dos delirios é estudar a sua pathogenia, o seu mechanismo intimo, o seu processo recondito, a sua evolução occulta na profundidade do organismo.

Fazer psychologia em molestias mentaes é praticar a *physiopathologia* dentro da psychiatria. E todos sabem a importancia inestimavel desse ramo tão fecuudo da medicina . . .

Ora, é justamente a pratica da physiopathologia que se não verifica, geralmente, em psychiatria.

Conhecem-se as causas hereditarias degenerescentes e os factores exogenos, das siderações emocionaes ás intoxicações chronicas, dos traumatismos á syphilis, predisponentes ou desencadeantes da alienação mental. Differenciam-se os symptomas psychicos, da simples euphoria maniaca á incoherencia eschizophrenica, da desorientação confusional á interpretação paranoica, que nos orienta o diagnostico da entidade nosographica, para justificar uma therapeutica, as mais das vezes empirica.

Mas, a pathogenia das molestias mentaes fica-nos desconhecida. O seu processo de desenvolvimento escapa-

nos. E ha assim na psychiatria uma grande, uma enorme lacuna, que ha quasi um seculo já foi preenchida na medicina somatica.

Ha explicação para esse facto? E' facil:

Desde Claude Bernard a physiologia ensina o mechanismo das funcções nutritivas e genitaes, em todas as suas variedades. Quando sobreveio a éra pasteuriana, descobrindo as causas infecciosas e completando o quadro etiologico das molestias, a medicina não teve mais que applicar esses novos conhecimentos á anatomo-physiologia do organismo, investigando e revelando a nossos olhos os processos pathogenicos.

Mas, a psychiatria nascida antecipadamente, como já affirmei na "Introducção", quiz interpretar os dados semioticos que se lhe deparavam e não encontrou psychologia que a sustentasse, volveu as suas esperanças de amparo á physiologia e esta declarou-se impotente.

Era mister que a maturidade da psychologia principiasse a se organizar em nosso seculo para que a psychiatria encontrasse real fundamento.

E', pois, de nossos dias tentar a pathogenia das molestias mentaes e isso só será possivel recorrendo á psychologia, que ensina o mechanismo dos factos psychicos, e pedindo-lhe a interpretação dos disturbios pathologicos que nada mais são do que variações dos phenomenos normaes. Estudar, pois, a psychologia dos delirios não é fazer um estudo clinico, nem etiologico daquelles symptomas mentaes. E' procurar comprehender o seu processo intimo de formação e desenvolvimento, e tratar de sua pathogenia, é, em uma palavra, traçar-lhe a propria physiopathologia.

Portanto, nos capitulos que se vão seguir, falarei muitas vezes de causas e signaes clinicos, mas, accessoriamente, como cooperação, porque o escopo deste trabalho é a pathogenia dos delirios.

Claro está que procurarei applicar todas as conclusões a que fôr conduzido á clinica, porque esta é a

finalidade da medicina, mas, fal-o-ei como deducções nascidas deste estudo e não como sua propria substancia.

O thema "Psychologia dos delirios" está assim sufficientemente esclarecido; é o estudo physiopathologico dos symptomas delirantes, a *psychopathogenia dos delirios.*

III. Exposição do methodo a seguir.

Felix Le Dantec fala da necessidade de bem enunciar os phenomenos antes de investiga-los, porque assim se evitam infindaveis querellas ociosas e prejudicaes, oriundas de simples dubiedades terminologicas.

Por isso, preliminarmente, já procurei definir o conceito da psychologia dos delirios, mas, antes de aborda-la, faz-se mister, ainda, uma elucubração preparatoria: caracterizar com precisão o phenomeno *delirio.*

Mas, delirio é uma das tantas manifestações morbidas do psychismo que integram a alienação mental. Urge, pois, para bem conhecer o conceito de delirio, comprehender primeiramente que coisa seja loucura.

Si houvesse em psychiatria uma noção clara e nitida de loucura, essa tarefa seria dispensavel. Mas assim não succede, como veremos no capitulo seguinte, e, antes de limitar o delirio dentro da loucura, cumpre perquirir os limites desta ultima. Teremos assim premissas bem formuladas para derivar a interpretação psychologica.

Depois de estabelecidos os limites da loucura e nella circunscripto o ambito do delirio, passarei a tratar do proprio assumpto deste trabalho: a psychologia dos delirios.

Ora, aqui, como em qualquer pesquiza scientifica, as nossas funcções intellectuaes polarizadas em abstracção e generalisação, mostram-nos um só caminho a seguir: *analyse* e *synthese.* Dellas vivem o calculo mathematico, as experiencias physico-chimicas, as investigações biologicas, as rebuscas da psychologia e a indagação socio-

logica. Synthese e analyse serão, pois, as duas directrizes que orientarão este trabalho.

Farei, primeiramente, a analyse dos delirios sob o ponto de vista psychologico, esforçando-me por descobrir todas as variedades de seus processos psycho-pathogenicos. Mas, para integralizar uma analyse de tal natureza, não basta dissociar, no complexo das apresentações clinicas, os elementos psychologicos fundamentaes; é preciso, ainda, como em toda analyse rigorosa, interrogar a maneira pela qual esses elementos se relacionam entre si. E é essa justamente a tarefa da classificação.

Pois, completarei a analyse psychologica dos delirios por uma classificação dos mesmos, sob criterio estrictamente psychologico, e procurarei, neste ponto, confrontar as differentes categorias estabelecidas com os typos clinicos observados.

Ao depois dessa obra de discriminação, empenharme-ei por generalizar. Farei, então, a synthese de todas as noções adquiridas, expondo de englobado a génese psychologica dos delirios.

Finalmente, para terminar, enunciarei em ordem logica, todas as conclusões a que fôr conduzido.

IV. Conclusões.

Assim, o estudo que segue será dividido nas seguintes partes, dispostas na propria ordem em que aqui se encontram:

I. Os limites da loucura.
II. Do conceito de delirio.
III. Analyse psychologica dos delirios.
IV. Classificação psychologica dos delirios.
V. Synthese psychologica dos delirios.
VI. Conclusões.

CAPITULO II

Os limites da loucura

I — Imprecisão do conceito de loucura. II — Valor da definição. III — O genero da loucura. IV — Discriminação das funcções psychicas. V — Escala psychica entre a hygidez e o morbido. VI — Analyse dos limites da loucura. VII — O verdadeiro conceito do psychismo. VIII — O criterio mais geral para limitar a loucura. IX — Conclusões.

I - Imprecisão do conceito de loucura

O genio rebellado de Giovanni Papini, de eloquencia truculenta e mordaz, falando de Erasmo de Rotterdam, disse: "Devo, talvez, a Erasmo a minha paixão pelos pensamentos não communs e a convicção profunda de que os homens são canalhas quando não são imbecis".

Mas, Erasmo, para lançar tão violentas diatribes aos homens, acobertou-se no manto da insensatez e fez o „Elogio da loucura".

Seria, em pleno anno de 1508, uma como que précursão da escola psychiatrica allemã, quando individualiza as psychoses de reacção: em virtude dos rudes conflictos da vida, aquelles que forem neuropathas constitucionaes, não tendo capacidade para vence-los, nem resignação para supporta-los, refugiam-se na loucura, simulando inconscientemente a realização dos seus ideaes fracassados.

Ao lado, porém, dessa explicação tão seductora, applicavel aos delirios paranoicos, paraphrenicos, neurasthenia, pithiatismo, que ha que nos satisfaça o espirito e nos contente a razão acêrca de toda a gamma restante de molestias mentaes, psychose maniaco-depressiva, estados confusionaes, epilepsia, degenerações atypicas, eschizophrenia?

A physio-anatomo-pathologia do cerebro, em nossos dias, é insufficiente para interpretar com exactidão os disturbios mentaes e, afora os casos de degeneração typica e estados demenciaes, pouco ou nada informa e traduz.

Ignorantes do mechanismo intimo da alienação mental, os psychiatras convergem toda a sua attenção para o diagnostico, differenciando, dividindo, caracterizando, multiplas entidades clinicas.

Descobrir, porém, maior numero de individualidades morbidas não é conhecer mais a fundo a medicina; é, apenas, extender-se mais dilatadamente sobre a sua superficie.

Assim, o diagnostico differencial entre uma psychose e outra póde ser, ás vezes, difficil; sempre será, porém, possivel.

No emtanto, o diagnostico de loucura é muitas vezes insuperavel.

Si me apresentarem um idiota de olhar inexpressivo, attitude desconchavada, tartamudeando grunhidos sem nexo, alheio a todas as palavras que eu lhe dirigir, facilmente lobrigarei nelle um desses rebentos derradeiros de uma estirpe psychopathica que vae findar a sua desgraça na esterilidade providencial de uma degeneração typica.

Si me exhibirem um homem que no passado ostentou o brilho de seu talento e a força de sua operosidade e, agora, queda em estereotypias catatonicas, no pateo de um asylo, indifferente de si e dos outros, balbuciando

dialogos imaginarios com pessôas que não existem, comprehenderei a miseria da regressão mental e a treva espessa e irremediavel da demencia.

E si um homem vociferar diante de mim uma torrente impetuosa de ideias disparatadas, numa violenta e euphorica agitação, ou affirmar-me, serenamente, e com bôa logica que é imperador de muitos povos e possuidor de riquezas fabulosas, poderei declarar si se trata de um confuso, de um maniaco, de um hallucinado ou de um interpretador.

Mas, si a sciencia de nosso seculo fôr interrogada sobre a intima differença entre a perfeita sanidade mental e os disturbios fundamentaes da morbidez psychica, ella mesma, ficará perplexa e nada responderá.

Foi por esta extrema difficuldade de demarcar fronteiras á loucura que se assistiu, no seculo passado, a este extranho phenomeno de confundir-se o poder creador do genio com a aridez improductiva da alienação. E houve quem sustentasse, da altura de seu prestigio de sabio, esse paradoxo psychologico: Cesar Lombroso.

Neste capitulo, certamente, não irei dirimir em absoluto este tormentoso problema dos limites da loucura, mas, esforçar-me-ei por isolar um criterio claramente especificado que oriente o julgamento e encaminhe o raciocinio.

II - Valor da definição

Diz a logica formal do velho peripatetismo que definir alguma coisa é designar o seu genero proximo e a differença especifica, e a sciencia positiva de nosso seculo não desmentiu, mas confirmou a inspiração de Aristoteles.

As nossas ideias, pela sua propria génese psycologica natural, das mais geraes e transcendentes ás mais individualizadas e singulares, encadeam-se em uma longa

serie que vae do universal para o particular, subordinando-se, umas ás outras, em relações de genero e especie.

Definir algum ser é formular o conceito que delle fazemos, é localizar a ideia que lhe corresponde na escala quasi infinita das nossas representações mentaes.

Ora, ha sómente um meio para precisar a situação de uma ideia na gamma psychica das nossas associações: é indicar a ideia mais generica que immediatamente a precede e as ideias mais particulares que immediatamente a succedem.

Indicar a ideia generica que precede immediatamente a outra é enunciar o proprio genero a que esta outra pertence.

Mas, todo genero encerra dentro de si multiplas especies, toda ideia generica abrange diversas ideias particulares. Não basta, pois, apontar o genero de uma ideia para que ella bem se caracterize, porque no mesmo genero estão contidas outras representações com as quaes se a poderia confundir. Portanto, é indispensavel, para a bôa comprehensão de uma ideia, primeiramente, descobrir o genero a que ella pertence e, ao depois, differencia-la das outras especies incluidas no mesmo genero. E' esta segunda tarefa que se chama: formular a differença especifica.

Designado o genero de uma ideia e a sua differença especifica, sabe-se, quanto é possivel ao nosso entendimento, a sua localização precisa no curso dos nossos pensamentos e, dest'arte, tel-a-emos definido.

E como, em analyse ultima, não conhecemos os seres objectivamente, mas, atravez dos conceitos subjectivos que os representam, claro está que, indicando o genero e a differença especifica de uma ideia, ter-se-á definido, dentro da capacidade cerebral humana, a propria realidade objectiva que lhe corresponde.

Vejamos, porém, mais intimamente a que consequencias nos leva o acto de definir.

Designar o genero de um objecto é exclui-lo de todos os outros generos, circunscreve-lo ao perimetro de uma só ideia generica, demarcar-lhe uma extensão alem da qual elle não póde exorbitar, fixar-lhe fronteiras absolutamente intransponiveis, é, em uma palavra, limita-lo.

Limitar, tambem, é o valor da differença especifica, porque por ella o objecto fica restricto a uma determinada modalidade do genero, sem se extender a outras especies correlatas.

Precisar o genero de um objecto ou de um phenomeno é limita-lo; designar-lhe a differença especifica é limita-lo, novamente, dentro do genero.

Assim, definir é limitar.

Quem procura no emmaranhado dos factos estudar as suas relações reciprocas para defiini-los, limita. Quem se esforça por limitar um phenomeno para distingui-lo dos que lhe são simultaneos ou successivos, define.

Investigar, pois, os limites da loucura é emprehender a tarefa de defini-la.

Complicada e penosa é a procura de uma definição para o conceito generico de molestia. Mais arduo e difficil será o empenho de definir a loucura, em que o pensamento terá que limitar o seu proprio transvio.

Ao tempo da escholastica vivia-se de definições que a phantasia dos mais imaginosos creava. Depois, com o advento da era experimental em todas as sciencias, os sabios tanto se preoccuparam das cousas concretas que, aos poucos, afastando-se do mundo das abstracções, foram perdendo o senso de deflnir. Hoje, as monographias, os compendios, os tratados, a sciencia emfim, muito observa, melhor experimenta, cautelosamente induz, mas, quase não define. Procurae nos livros que tão brilhantemente discorrem sobre psychiatria e não encontrareis definição nem para os grandes generos das molestias mentaes, nem para o conceito generico de loucura. A's vezes, tratando de entidades clinicas ou de um outro assumpto mais geral, vereis periodos com a rubrica de

definição, mas, na verdade, de definição ha apenas a epigraphe, porque o texto que a segue é quase sempre uma explicação particularizada e vaga que nos faz entrever as fronteiras de uma limitação, mas, não nos precisa os extremos em que ella se detem.

Ora, isso é profundamente malefico. Primeiro, porque difficilmente se póde, desta maneira, comprehender as doutrinas que os mais notaveis psychiatras expõem sobre questões attinentes á alienação mental; segundo, porque, não havendo noções claras e nitidas sobre os assumptos versados, os investigadores perdem-se, ás vezes, em sendeiros escabrosos que seriam evitados, si antes houvesse um pouco de meditação cuidadosa e profunda.

Dirão que as definições nunca podem ser definitivas, porque novos factos que se observam e outras experiencias que se praticam vêm, muitas vezes, desmentilas e contraria-las, mas, ninguem me contestará que é mais facil refundir o que se conhece com precisão do que o que apenas se sabe imperfeita e vagamente.

E, alem do mais, antes de surgirem factos tendentes a remodelar a noção que se tem de um phenomeno, de uma reacção biologica, de uma entidade morbida, de um desvio psychico, como se poderá exercer o raciocinio para novas investigações e pesquizas, partindo-se de opiniões mal definidas, de ideias brumosas e sem consistencia, de conceitos oscillantes e descorados?

Erro era a teimosia metaphysica de outr'ora de definir sem experimentar, mas, erro será tambem, em nossos dias o que tantas vezes pratica a sciencia positiva: experimentar sem definir.

Courmont, com o accento de medico e de philosopho escreve: „O espirito verdadeiramente scientifico considera todos os factores."

A definiçãe é um factor para a conquista da verdade, tanto quanto a experimentação, e como tal não pode ser desprezada.

Definir o objectivismo experimental sem a pratica da experimentação seria eternizar a escholastica e dilatar a metaphysica para alem do que lhe é permittido.

Mas, experimentar a realidade objectiva e, depois, não definil-a é conformar-se com uma sciencia amputada.

Procurarei, pois, precisar os limites da loucura, baseando-me nas observações e experiencias que a sciencia psychiatrica nos fornece, para formular, emfim, a sua propria definição.

III - O genero da loucura

A difficuldade para definir a loucura não está em descobrir o seu genero, mas, sim, em precisar, dentro desse genero, a especie a que corresponde.

A pathologia geral ensina que a molestia é uma forma de vida, até mesmo, ás vezes, uma forma de vida exaltada e impetuosa, dada a violencia de suas reacções.

Nos animaes superiores, capitalmente no homem, é frizante a differenciação de todas as funcções biologicas em tres grandes categorias: nutrição, reproducção, psychismo.

As molestias, pois, predominando sobre uma ou outra dessas funcções vitaes ficam classificadas naturalmente, de uma maneira generica em: molestias do systema de nutrição, molestias do apparelho de reproducção e molestias do psychismo.

As duas primeiras categorias não attingirão a loucura, a terceira coincidirá com ella: onde houver molestia do psychismo haverá loucura. (1)

(1) Considero aqui o termo loucura na accepção mais extensa possivel, porque é indispensavel para a sciencia um conceito que abranja toda molestia psychica e o termo loucura é de todos o melhor, por ser o mais usado no sentido generico, havendo uma serie enorme de vocabulos de significação mais restricta: alienação, psychose, vêsania, psychopathia, degeneração, demencia, etc., etc.